

Voto de cabresto no suspense político

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Parente distante de "Crônica de um Industrial" (1978), de Luiz Rosenberg Filho (1943–2019), do qual se aproxima na urgência de cartografar o capitalismo em sua raiz governamental, o thriller indie "Ménage", que chega às telas neste fim de semana, é um surpreendente ensaio de suspense político no cinema brasileiro, capaz de dialogar com bem-sucedidos exercícios internacionais dessa cartilha, sobretudo "O Corte" (2005), de Costa-Gavras.

Mas há genuína brasilidade no modo como o diretor Luan Cardoso (um montador de mão cheia) esquadrinha as nódoas morais do processo eleitoral nacional a partir de seu miolo mais azedo. Apoiado na direção de arte detalhista de Gustavo Musteikis, Luan consegue disfarçar qualquer limitação orçamentária que teve e construir um espetá-



'Ménage': uma farra regada a drogas ameaça a carreira política de três figuras políticas

culo tenso à força de um elenco em estado de graça, sustentado em especialidade em três vértices: Lino Camilo, (o sempre surpreendente) Francisco Gaspar

(de "Estrada 47") e numa força da natureza chamada Vinicius Ferreira, que nos leva a um mergulho num precipício ético.

Fotografado sempre em tons

ocres, "Ménage" é um ensaio sobre o descontrole, parafinado a quilos de cocaína.

Sua trama adota como pano de fundo as eleições para o go-

verno estadual, que correm solta em Minas Gerais. Às vésperas de momentos decisivos, três colegas de um mesmo e poderoso partido político, de tons populistas, o advogado Veiga (Camilo), o deputado Roberto (Gaspar) e o candidato ao governo Ariel (Ferreira, preciso como relógio suíço em cena), resolvem farrear em um motel. Em meio a uma orgia, as coisas fogem ao controle do trio e uma garota de programa que estava com eles é vítima de overdose. O que se vê dali pra frente é um jogo sórdido de esconde-esconde com o corpo, que levanta a poeira do feminicídio para o público sorver, refletir e discutir. A seguir, vem uma reflexão sobre culpa e sobre responsabilidade, com Ariel carregando o fardo da malandragem e da trapaça para se manter nas pesquisas como a leitura de "O Príncipe", de Maquiavel, ensinou-lhe: "Os que vencem, não importa como vençam, nunca conquistam a vergonha". Primor de filme.

Divulgação